

É FESTA DE BOI: UM ESTUDO SOBRE O BOI DE QUIXERÉ – CE.

Izaura Lila Lima RIBEIRO

Pós – Graduada em Arte Educação e Cultura Popular na Faculdade Darcy Ribeiro
Membro do Núcleo de Estudos em Cultura Folclórica do IFCE
Rua Monsenhor Salazar, 1004, Tauape, Fortaleza – CE
(85) 85266400
E-mail: izaualilalima@gmail.com

Francisco José da Silva MONTEIRO

Graduando em Educação Física na Faculdade FATENE
Membro do Núcleo de Estudos em Cultura Folclórica do IFCE
Rua Paraná, 1927, Bloco 6, Apto 304, Caucaia – CE
(85) 30110045 – 87037393
E-mail: fjmonteiro4@gmail.com

Maria de Lourdes MACENA

(Orientadora)

Resumo: Este trabalho fala sobre a brincadeira do Boi que acontece na cidade de Quixeré no Ceará. O objetivo principal é realizar um estudo inicial sobre o folguedo do Bumba meu Boi de Quixeré, descrevendo de forma sucinta sua história e características para compreender sua lógica como arte espetacular. A metodologia utilizada está baseada em revisões bibliográficas acerca do tema, como também pesquisas de campo e relatos de experiência.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi, folguedo, Quixeré.

GRUPO DE TRABALHO: GT10 – Teatro popular, Danças Dramáticas e Etnocologia.

Introdução

O Ceará é um estado que apresenta uma enorme riqueza cultural com relação ao patrimônio material e imaterial. Podemos encontrar diversas manifestações espalhadas por todos os municípios.

As danças dramáticas são folguedos populares, manifestações coletivas, onde muitas pessoas participam numa mistura de dança, música e encenação teatral, podendo seguir ou não um calendário festivo religioso.

Nesse contexto apresentaremos um estudo inicial sobre o Folgado do Bumba meu Boi do município de Quixeré no Ceará, a fim de descrever de forma sucinta e clara um pouco da história e das características dessa dança dramática neste município.

Como metodologia utilizamos de revisões bibliográficas relacionadas à temática do Patrimônio Imaterial e dos Folguedos Populares, como também pesquisa de campo a fim de coletar relatos de experiência dos brincantes da manifestação e dos moradores da localidade.

1. Patrimônio imaterial do Ceará: os folguedos populares

O Patrimônio imaterial é transmitido e vivenciado pelo povo, são os saberes e fazeres do homem, que através dos seus usos e costumes criam diversos tipos de manifestações artísticas.

De acordo com o IPHAN o Patrimônio Imaterial diz respeito:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (Site do IPHAN, disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf>)

Ou seja, o patrimônio imaterial está diretamente ligado a vida das pessoas que o fazem, pois são manifestações que participam do cotidiano tais como danças, músicas, folguedos, trabalhos artesanais, manifestações religiosas, entre outros, que estão presentes na vida e na história das comunidades e que são transmitidas principalmente pela oralidade e passadas de pais para filhos ou por e para outros do grupo social.

Nosso país possui uma enorme riqueza cultural, fruto da miscigenação de povos e diferentes culturas. Em nossas manifestações percebemos fortes elementos da cultura negra e indígena, como também influências européias que desde o período do descobrimento e colonização se fazem presentes na formação do povo brasileiro.

O Ceará possui diversas expressões folclóricas espalhadas pelos 184 municípios que compõem o estado, sendo encontradas diversas festas populares, danças e folguedos, que normalmente fazem parte dos ciclos carnavalesco, junino ou natalino. Nos diversos lugares do estado as festas populares vão preservando a sua essência e promovendo as mudanças oportunas da dinâmica cultural, no entanto sempre apresentando características próprias expressando a criatividade do povo que, ao longo de sua existência vem sendo permeada pela alegria dos festejos, mas também por sofrimentos, principalmente no que concerne aos problemas acarretados pela seca e outras mazelas sociais que marcam a história do povo nordestino.

A antropóloga Maria Laura Cavalcanti ressalta bem essas peculiaridades no trecho a seguir:

Sempre, ao voltarem, as festas trazem consigo alguma novidade, e assim, de modo lento, muitas vezes imperceptível, vão se modificando, se recompondo, às vezes mesmo se reinventando. Tomam elementos emprestados daqui e dali (pois reparem bem: as diferentes festas conversam entre si!), conferem sentido novo a velhos aspectos. Às vezes, algum elemento integrante de uma totalidade festiva destaca-se de modo tão acentuado que parece alçar vôo próprio. (TEMPASS, p.135, 2006)

Essa alegria festiva é transmitida através das danças e dos folguedos como, por exemplo: Cana Verde, Dança do Coco, Maneiro Pau, Reisado, Pastoril, Boi do Ceará, entre tantas outras expressões culturais da cultura folclórica bastante cultivadas no Ceará.

Especialmente na região do Cariri e em outras localidades, o Reisado se mantém vivo com diversos grupos que cumprem o rito de festejar o nascimento do menino Jesus e os Reis Magos, durante o período natalino, com trajes coloridos e músicas alegres, como também durante festas dessas localidades, como a do Pau da Bandeira, em Barbalha. Na

capital, grupos de Projeção Folclórica trabalham esse folguedo, aproximando assim alunos, jovens, adultos, docentes e discentes desses aspectos não midiáticos da cultura.

O Pastoril, por sua vez, é um dos autos mais aguardados no período Natalino, que conta à história da ida das pastorinhas a Belém para adorar o menino Jesus. Essa é uma expressão cultural que deve ser estimulada, ensinada, vivenciada nas escolas. Na cidade de Maranguape a 25 km de Fortaleza há um exemplo de como essa tradição cultural é incentivada no meio escolar. A Escola de Ensino Fundamental José de Moura vem promovendo experiências dessa manifestação junto aos alunos, envolvendo toda a comunidade a cada ano durante o período do natal.

Tal iniciativa desempenha um papel de valor imensurável na formação escolar e na vida desses estudantes que podem conhecer e mergulhar na tradição cultural de seu próprio povo, desenvolvendo seu potencial criativo e preservando traços marcantes de uma cultura genuinamente nordestina. Contudo, é possível também encontrar esse auto nas cidades de Maracanaú, Paracuru, Juazeiro do Norte, entre muitas outras.

A brincadeira do Boi também é um costume bastante cultivado em várias localidades do estado e da capital Fortaleza, onde um dos principais representantes é o Mestre Zé Pio que desempenha um trabalho de paixão e dedicação com as crianças da comunidade da praia das Goiabeiras na Barra do Ceará.

De acordo com Buriti em referências a obra de Barroso (1996) no que concerne a presença da brincadeira do Boi no Ceará salvaguardadas as peculiaridades locais podemos

Constatar a existência do reisado e bumba-meu-boi, manifestações cênicas de influência negra nos seguintes municípios cearenses: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Milagres, Jardim, Campos Sales, Aracati, Itaiçaba, Canindé, Fortaleza, Maracanaú, Sobral, Meruoca, Camocim, Quixadá, Guaramiranga, Limoeiro do Norte e Granja. (BURITI, p.21, 2009)

A valorização da cultura popular por meio dos folguedos acima citados e outras manifestações contribuem imensamente para a construção da identidade cultural de cada indivíduo que participa direta ou indiretamente da cena, atuando na formação do imaginário popular, bem como no repertório cultural e, sobretudo na autoestima das pessoas.

Dessa forma, torna-se relevante refletir com CUNHA :

É neste universo de alegria e espontaneidade que se insere a educação patrimonial dos seus brincantes, que está lidando diretamente com a história, jeitos e peculiaridades da sua gente, do seu lugar e do seu cotidiano popular. Isso não só ligado à corporeidade, ou ‘tipos’, personagens da vida cotidiana popular e peculiar do lugar onde vive, mas também de todas as outras áreas do folclore, o que chamamos de patrimônio, tanto o material, quanto imaterial. Por exemplo: nosso artesanato, literatura oral, canções, ditos, causos, contos lendas. Tudo isso formando um grande ‘balaio’ cultural que forma uma identidade, individual e que nos atravessa no coletivo. (CUNHA, p. 02, 2012)

Assim, as pessoas à medida que vivenciam esses elementos culturais, vão cada vez mais consolidando seus conhecimentos acerca das coisas próprias do povo simples, preservando a memória, os saberes e os fazeres, agregando portanto um sentido de valor à cultura popular.

2. Quixeré – relatos de sua história e memória

Quixeré é um município localizado na região do Vale do Jaguaribe no Ceará, que possui aproximadamente 218 km de distância da capital Fortaleza. Quixeré é o distrito sede, porém podemos encontrar outros distritos que fazem parte desta localidade, como: Lagoinha, Tomé e Água Fria (LIMA, p. 11, 2006).

Segundo (LIMA,2006), essa região só começou a ser habitada por volta do ano de 1840. Era uma área conhecida como Tabuleiro que ainda não era povoada mais que no período de inverno onde o rio Quixeré costumava transbordar, servia como abrigo tanto para as famílias que moravam nos povoados próximos, como também para os animais.

Os primeiros moradores dessa localidade vieram do Rio Grande do Norte e começaram a construir suas casas de barro e madeira, popularmente chamadas de casas de taipa.

De acordo com Lima:

Talvez visando à posse de alguns hectares de terra, essas habitações mantinham certa distância entre si. Por muitos anos perdurou esse costume de distanciamento entre as moradias, comportamento esse que retardou o surgimento do povoado, pois seus habitantes se espalhavam cada vez mais, na medida em que o número de casas aumentava. (LIMA, p. 12, 2006).

Diante disso, percebemos que devido a fatores ligados a posse de terra, essa região teve um povoamento tardio. Um ponto forte para a história da região foi a construção da primeira capela do povoado no ano de 1862, porém apenas no ano de 1941 foi fundada a primeira Paróquia, cuja padroeira é Nossa Senhora da Conceição.

O povoado de Tabuleiro se elevou a categoria de vila no ano de 1933, foi nesse período que recebeu o nome oficial de Quixeré e somente no ano de 1957 foi elevada a categoria de cidade.

Atualmente a região conta com aproximadamente 19.000 habitantes e se destaca na economia local devido as atividades de fruticultura irrigada e comércio varejista, com destaque nos gêneros alimentícios e de material de construção, sendo os maiores responsáveis pela geração de emprego da localidade.

Quixeré também é uma terra que se destaca pelas expressões culturais existentes. Além dos artesãos que trabalham com crochê, palha e talos, encontramos artistas populares como: dramistas, cantadores, repentistas, brincantes da Lapinha e do Bumba meu Boi, como também atores do teatro de bonecos gigantes e teatro de rua.

Um dos destaques da cultura local é a realização do Teatro da Paixão de Cristo, cuja encenação acontece na cidade desde a década de 80, onde a juventude foi à principal responsável pela criação do movimento teatral, pois apesar da falta de recursos utilizava a criatividade como principal ferramenta, transformando o Teatro da Paixão de Cristo em um espetáculo que atrai moradores de todo o Vale do Jaguaribe, como também de localidades próximas.

3. Boi de Quixeré: folia e tradição

A brincadeira do Bumba meu Boi é uma das manifestações mais populares no norte e no nordeste do Brasil, porém essa brincadeira apresenta peculiaridades pertinentes a cada região.

Segundo Cavalcanti:

Os folguedos do boi são formas rituais populares, comportamento simbólico por excelência a exigir intensa atividade corporal, com uso de fantasias, muita música e dança. Podem ser encontrados em diversas regiões brasileiras, notadamente no norte e no nordeste, e abrigam uma ampla gama de variantes: do massivo e espetacular festival dos Bois-bumbás de Parintins, Amazonas, as performances multifacetadas do bumba-meu-boi maranhense. (CAVALCANTI, p.61 e 62, 2006)

Diante disso, podemos observar que o Bumba meu Boi é uma expressão cultural que pode ou não estar diretamente ligado a um calendário festivo, como ocorre com o Festival de bois em Parintins, ou com os festejos juninos do Maranhão onde o ponto alto da festa são as apresentações dos variados grupos de bois.

No Ceará as brincadeiras de boi acontecem principalmente no período natalino, porém percebemos que esta brincadeira apesar de pertencer a este período pode ocorrer em outras épocas do ano, não diretamente ligadas a um calendário.

No município de Quixeré, na região do Vale do Jaguaribe, a brincadeira do boi já existe a mais de 120 anos. Segundo Senhor Toinho, artista local e dono do Boi de Quixeré, essa brincadeira foi trazida por pessoas vindas da região de Pernambuco e quando chegou a Quixeré assumiu uma característica própria. O primeiro Boi que existiu em Quixeré pertenceu ao senhor Raimundo, que era um pequeno agricultor da região. Quando esse senhor já estava adoentado foi passando a coordenação do boi para outros brincantes. Vale ressaltar que no decorrer dos anos o Boi em Quixeré foi assumindo diversos nomes diferentes, apenas no ano 2000 recebeu o nome atual que é "*Boi de Quixeré*".

O Boi de Quixeré possui uma média de 40 brincantes, sendo todos homens com exceção da caixeira do boi, a Sra. Judite. Essa é uma peculiaridade do boi de Quixeré onde mantêm a tradição de não possuir mulheres na brincadeira.

De acordo com o livro *Manifestações do Folclore Cearense*:

No Nordeste, o Bumba-meu-Boi nasceu dos escravos e pessoas pobres agregadas dos engenhos e fazendas, trabalhadores rurais e de rudes

ofícios nas cidades, sem a participação feminina. E não se pode negar que a área pastoril nordestina, bastante desenvolvida no ciclo do couro, foi o cenário escolhido para a sua formação, duração e desenvolvimento, contando, principalmente com o papel relevante do vaqueiro – personagem central deste auto. (COLARES, p.01, 1978).

Observamos então, que nos relatos históricos acerca dessa manifestação já encontrávamos escritos abordando a não participação feminina na brincadeira e o Boi de Quixeré mantém essa tradição. Porém é fundamental ressaltar que a Sra. Judite conquistou o seu espaço nos diversos bois que já existiram em Quixeré, considerando que ela é brincante como caixeira de boi á 50 anos. Começou a participar com 10 anos de idade sempre tocando caixa, instrumento que aprendeu a tocar sozinha e posteriormente foi responsável por um dos bois já extintos em Quixeré.

O Boi de Quixeré apresenta na sua formação uma média de 5 músicos e 35 brincantes, os instrumentos musicais utilizados no folguedo são: 1 caixa, 2 gaitas (pífanos), 1 panderola (instrumento de percussão, no formato de semi-círculo, com soalhas de metal) e uma pessoa para cantar. É importante ressaltar que as gaitas são confeccionadas e afinadas pelos próprios músicos utilizando material reciclado, principalmente canos de PVC. As músicas cantadas durante a brincadeira na sua maioria são de domínio público, que foram sendo repassadas de um boi para o outro com o passar do tempo, além disso, alguns repentistas e poetas da região também compuseram algumas canções principalmente para os bichos que brincam no boi.

Segue abaixo um trecho da música de entrada, canção de abertura para dar boas vindas e começar a brincadeira:



Em relação aos brincantes são aproximadamente 35 participantes, que se dividem nos variados personagens. Segundo Alexandre, brincante do boi, o Boi de Quixeré trabalha coreograficamente com 2 cordões (filas de brincantes) sendo um azul e outro vermelho, comandados por um cabeça de fila (pessoa segura que fica na frente) em cada cordão, que normalmente são os brincantes mais antigos. Quando a brincadeira se inicia entram os dois cordões e o boi, os demais personagens aguardam o decorrer da brincadeira. O Boi de Quixeré apresenta uma peculiaridade em relação ao figural dramático, pois além dos tradicionais como: Vaqueiro, Catirina, Mateus, Índios, Burrinha, Bode, Jaraguá ou Jaguar e Ema; o boi de Quixeré possui mais de 40 personagens e bichos diferentes, onde o mais interessante é que esses personagens são fruto de uma pesquisa sobre as lendas locais da região e do folclore nacional com o intuito de animar ainda mais o folguedo diz o Sr. Toinho, artista local e dono do Boi de Quixeré. Alguns desses personagens são: a Cobra, o Papa Figo, a Vaca Louca, a Mula sem Cabeça, o Lobisomem, a Mulher Cavalo, a Jaguarina (versão feminina do Jaraguá), entre outros.

O Boi de Quixeré não possui um período específico para acontecer, as apresentações costumam ocorrer o ano todo, porém se intensificam no período das festas

juninas e especificamente no dia 26 de junho, dia do aniversário do boi. Nessa data eles costumam fazer o boi de candeeiro, que é uma apresentação do boi em um terreiro de chão batido só com a iluminação da lua e de candeeiros, tentando manter a tradição dos antigos bois que existiram, para lembrarem quando todas as apresentações eram feitas nos terreiros dos moradores e com a iluminação de candeeiros.

Vale ressaltar também que os brincantes e os músicos não costumam ensaiar para se apresentarem, segundo Alexandre, brincante do boi, “aquilo é uma coisa natural e todo mundo já ta ensaiado”, somente a Catirina, o Vaqueiro e o Mateus que se encontram antes da apresentação para combinar o que vão fazer, o resto da cena costuma sair no improviso, tentando sempre envolver a platéia.

Em relação aos figurinos e adereços, todos são confeccionados pelos próprios brincantes, num processo de construção coletiva, que apesar dos poucos recursos, utilizam a criatividade para confeccionar tudo. A mesma coisa acontece com os personagens e os bichos. Todos eles, (corpo, adereços, roupas, máscaras) são feitos utilizando materiais recicláveis, papel machê, arame, cola normal ou a cola feita de goma e tinta. É importante ressaltar que o Boi não possui nenhum apoio financeiro dos governantes, todo o dinheiro gasto com a confecção dos materiais sai do bolso do Toinho que é o responsável pelo boi, como também de alguns brincantes e moradores que apóiam a brincadeira.

A questão da falta de apoio financeiro é um grande problema que o Boi de Quixeré enfrenta, pois a maioria dos brincantes vive em condições financeiras escassas, não tendo como ajudar na compra de material para manutenção, auxiliando principalmente com a mão-de-obra. Diante disso, os custos acabam sendo financiados pelo Toinho e por alguns moradores, que além de ajudar com o material para a confecção dos figurinos e adereços, também colaboram na doação de alimentos para montar cestas básicas para os brincantes mais idosos que não possuem renda fixa e vivem em condições economicamente mais difíceis.

O problema financeiro traz implicações para permanência e existência dessa brincadeira, todos os brincantes ressaltaram que é com dificuldades que mantêm o boi e que eles precisam de apoio financeiro e estrutural frisando que amam essa manifestação e lutam para preservá-la.

Finalmente quando perguntávamos para os brincantes o que eles sentiam quando tocavam e dançavam no Boi, todos eles falavam do sentimento de alegria e satisfação, o Sr. Milton, ex brincante do boi que hoje divide o tempo entre o boi e o trabalho, nos disse que amava o boi e que, quando estava brincando, esquecia as dores e os problemas. A Dona Judite nos disse uma frase que expressa o significado, o sentido e o amor que eles sentem pela brincadeira:

“Meus filhos, brincar de boi é melhor que um prato de comer...” (Dona Judite, caixeira do Boi Quixeré, na sala do ateliê do Toinho, no dia 26/07/2013).

Considerações finais

O Boi de Quixeré é uma expressão da cultura folclórica cearense que se mantém viva principalmente pelo amor e pelo desejo dos brincantes e moradores. Sua força está na forma como ritualizam e reatualizam sua função e significado social para o grupo que o faz

principalmente e dessa forma, seu saber ensinado e repassado oralmente se refaz e se fortalece a cada momento em que ocorre.

É fundamental dizer que não só o Boi de Quixeré, mais outras manifestações que existem na localidade como os dramas, o pastoril, o reisado, entre outros, estão passando por dificuldades de manutenção e permanência. Diante disso, percebemos que a desvalorização e o não respeito e apoio dos governantes locais, prejudicam o reencontro com a memória da cultura do povo mantidas por meio destas brincadeiras o que prejudica também seu reconhecimento no meio educativo o que promove uma não contribuição ao desenvolvimento da identidade local diante da diversidade cultural.

Por fim gostaríamos de agradecer a todos os brincantes e principalmente ao Toinho, por ter permitido e colaborado para que esse trabalho fosse realizado, como também a todos os moradores que nos acolheram com todo carinho e colaboraram com a nossa pesquisa.

Referências

BARROSO, Oswald. *Reis de Congo*. Fortaleza: Gráfica Vt, 1996.

BURITI, Iranilson, MARTINS, José Clerton de Oliveira e RIBEIRO, Rosânia Mara de Sales. **Bumba-Meu-Boi do Pirambu: Tradição Afro-Cabocla e potencial atrativo para o Turismo em Fortaleza**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. Volume 3, Nº 1 (2009).

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Tempo e narrativa nos folguedos do Boi**. Revista Pós Ciências Sociais – São Luis, V. 3, N. 6, Jul/ Dex.2006.

COLARES, Elzenir. CEARÁ. Secretaria de Indústria e Comércio. **Manifestações do Folclore Cearense**. Fortaleza, 1978. Trabalho Elaborado pelo Departamento de Artesanato e Turismo e empresa cearense de Turismo.

CUNHA, Nayana de Castro. **À ferro e fogo: as danças folclóricas e a educação patrimonial no Instituto Tecnológico do Ceará**. Artigo publicado na revista no VII CONNEP, 2012.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf>. Acesso em 10/07/2013 às 20h.

LIMA, Maria Dalvany de. **Cinqüenta anos de Quixeré**. Apostila não publicada construída na Escola Governador Manoel de Castro Filho, Quixeré-CE, 2006 disponibilizada aos autores.

TEMPASS, Martín César. **Sobre a questão do Patrimônio Cultural: repensando princípios e fins**. CADERNOS DE PESQUISA DO CDHIS (2006).